



GERANDO UMA INFÂNCIA SAUDÁVEL, PENSANDO O BRASIL: REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA PRIMÁRIA NOS ANOS 1920

Patricia Vianna Lacerda de Almeida

patvian@gmail.com

Tamires Farias de Paiva

tamires_paiva@yahoo.com.br

(UERJ)

Resumo

Amalgamados aos ideais da modernidade, os discursos que sustentavam a necessidade de sanear o Brasil e civilizar o povo reservaram à infância escolarizada um lugar próprio. No contexto das primeiras décadas do século XX, onde questões educacionais e higienistas se encontravam sobremaneira imbricadas, a realização dos Congressos Brasileiros de Higiene compareceu como mais um campo onde se fortaleceram as ideias que procuraram elevar a educação como base do projeto de higienização. É, pois, examinando os discursos veiculados nos Congressos Brasileiros de Higiene, promovidos pela Sociedade Brasileira de Higiene ao longo dos anos 1920, que este estudo procura tornar pensáveis as representações que foram forjadas acerca da escola e seus sujeitos. Este estudo dá luzes, ainda, aos modos como os preceitos higiênicos intentaram conformar e governar a infância escolarizada através de um conjunto de normas. Neste contexto, vemos a escola primária se configurando como um espaço propício à efetivação dos preceitos de higiene e, sobretudo, fortalecendo-se a crença na infância enquanto potencial instrumento educativo do meio social. Como nos alerta Chartier (1990), os discursos não são neutros sendo necessário, portanto, compreendê-los a partir do “relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (p. 17). Dessa maneira, ao propormos um breve exame de algumas das teses apresentadas no âmbito dos congressos brasileiros de higiene, reconhecemos que as falas dos médicos, autores destas teses, encontram-se atravessadas por desejos e estratégias de grupos. Neste sentido, cabe-nos interrogar: como a escola primária é representada no interior dos discursos higienistas? Sobre quais pressupostos estes médicos defendem a infância como a etapa da vida ideal para inculcação dos hábitos higiênicos? Fomentados por debates já realizados desde meados do século XIX, os discursos que creditavam à educação escolar o meio mais dócil de efetivação do projeto de saneamento do país se disseminaram em distintos espaços. As exigências e novos desafios postos pelo desejo de modernidade que fervilhava nos mais distintos espaços sociais reservaram à escola um papel reconhecidamente fundamental na sociedade brasileira de início do século XX.

Palavras-chave: Infância. Educação escolar. Discursos médico-higiênicos .

“Ela é a esperança do futuro, a segurança da nacionalidade e a garantia da raça!”. Foram com estas palavras que o médico Belisário Pena, em conferência realizada na Escola Regional de Merity, em 1925, fez referência à criança brasileira. Sob os auspícios da higiene, este médico mineiro defendia que a escola primária deveria ser um dos principais escopos da intervenção médico-higiênica e, dessa maneira, espaço privilegiado de difusão e prática dos preceitos científicos. Uma das justificativas desta intervenção foi a de que a escola, por favorecer a aglomeração diária entre crianças e adultos, reunia as melhores condições para a inculcação dos hábitos higiênicos e da promoção da prevenção, ao invés da cura. Compartilhando dos discursos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que procuraram elevar a escola no processo de salvação da nação e da formação da consciência sanitária da população, Belisário Pena e uma geração de médicos higienistas viam o futuro da nação através do olhar dócil e promissor da criança brasileira, presumidamente educada e sadia.

Refletindo sobre algumas das questões que fizeram parte do contexto das primeiras décadas do século XX, onde a ordem era sanear o país e civilizar o povo, neste estudo procuramos jogar luzes aos modos como certas representações da educação escolar, especialmente do ensino primário, foram forjadas no interior dos discursos médico-higiênicos. Inserido em um esforço de investigação das maneiras como a escola e seus sujeitos receberam tratamento no interior dos discursos científicos, este estudo elege como entrada específica os debates suscitados nos Congressos Brasileiros de Higiene ao longo dos anos 1920. Amalgamados aos ideais da modernidade, os discursos que sustentavam a necessidade de sanear o Brasil e civilizar o povo reservaram à infância escolarizada um lugar próprio. No contexto das primeiras décadas do século XX, onde questões educacionais e higienistas se encontravam sobremaneira imbricadas, a realização dos Congressos Brasileiros de Higiene compareceu como mais um campo onde se fortaleceram as ideias que procuraram elevar a educação como base do projeto de higienização. É, pois, examinando os discursos veiculados nos Congressos Brasileiros de Higiene, promovidos pela Sociedade Brasileira de Higiene, que este estudo procura tornar pensáveis as representações que foram forjadas acerca da escola e seus sujeitos. Este estudo dá luzes, ainda, aos modos como os preceitos higiênicos intentaram conformar e governar a infância escolarizada através de um conjunto de normas. Neste contexto, vemos a escola primária se configurando como um espaço propício à efetivação dos preceitos de higiene e, sobretudo, fortalecendo-se a crença na infância enquanto potencial instrumento educativo do meio social.

Procuramos contribuir com reflexões que tanto estimulem o alargamento das fontes para a história da educação como possibilitem perceber os ruídos que, por vezes, marcam a trajetória da educação nacional mediante projetos que nem sempre expressam a realidade escolar. Nisto, além do esforço de trazer questões que fizeram parte dos debates compartilhados em distintos espaços sociais acerca do projeto de saneamento do país e a convocação da escola para isto, procuramos apontar alguns dados que nos permitem refletir, de mesmo modo, sobre a outra face que se desvelava ao se reforçar a necessidade de higienizar os costumes da população.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Em primeiro momento, procuramos pontuar questões que ajudam a pensar a emergência de uma suposta missão da escola primária no contexto em que o saneamento do país convocava um corpo diversificado de agentes para atuar no interior deste espaço, como médicos, inspetores sanitários, enfermeiras e educadoras sanitárias. Para isto, compartilhamos três argumentos que norteiam as reflexões deste estudo, sobretudo que ajudam a pensar as possíveis razões que sustentaram a escola primária enquanto lugar propício de veiculação dos preceitos da higiene: 1) a escola, como um dos principais meios de socialização, também se apresentava como potencial espaço de disseminação de doenças infecto-contagiosas; 2) a expansão da escolarização, sobretudo com a obrigatoriedade do ensino primário, levava à escola uma população tida como física e moralmente doente; 3) sob a ótica dos médicos higienistas, a plasticidade infantil e seu caráter moldável tornava a infância escolarizada uma etapa da vida na qual a propaganda higiênica encontraria o meio mais seguro de realização.

Para pensar as investidas institucionais dos médicos higienistas sobre a “nova geração apta a compreender os benefícios do saneamento profilático”, no segundo momento deste estudo analisamos os anais dos Congressos Brasileiros de Higiene, organizados pela Sociedade Brasileira de Higiene (SBH), que puderam ser localizados no acervo da Casa de Osvaldo Cruz (RJ). Tais anais se referem ao I, II, III e V congressos¹ realizados, respectivamente, nos anos 1923, 1924, 1926 e 1929². Embora a realização destes congressos tenha se estendido até os anos 1970, privilegiamos o recorte em torno da década de 1920 tanto pelos limites que este ensaio oferece como por considerarmos que este período reúne elementos muito interessantes para se pensar as articulações entre higiene e educação escolar. Foram nos anos 1920 que vimos, por exemplo, a oficialização do Instituto de Higiene, em São Paulo, e a criação da Associação Brasileira de Educação que, com sua sede no Rio de Janeiro, procurou em sua organização seccional atender às exigências de seu tempo com a criação da seção de Higiene e Educação Física Escolar.

Como nos alerta Chartier (1990), os discursos não são neutros sendo necessário, portanto, compreendê-los a partir do “relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os

¹ Os anais do IV Congresso Brasileiro de Higiene não foi localizado.

² Para que não ocorra equívocos, é preciso assinalar que os anos em que se realizaram os congressos brasileiros de higiene não coincidem com a data de impressão dos anais do evento. Desta maneira, as datas que constam nas referências dos anais correspondem ao da impressão, não ao de realização do evento.





utiliza” (p. 17). Dessa maneira, ao propormos um breve exame de algumas das teses apresentadas no âmbito dos congressos brasileiros de higiene, reconhecemos que as falas dos médicos, autores destas teses, encontram-se atravessadas por desejos e estratégias de grupos. Neste sentido, cabe-nos interrogar: como a escola primária é representada no interior dos discursos higienistas? Sobre quais pressupostos estes médicos defendem a infância como a etapa da vida ideal para inculcação dos hábitos higiênicos? Fomentados por debates já realizados desde meados do século XIX, os discursos que creditavam à educação escolar o meio mais dócil de efetivação do projeto de saneamento do país se disseminaram em distintos espaços. As exigências e novos desafios postos pelo desejo de modernidade que fervilhava nos mais distintos espaços sociais reservaram à escola um papel reconhecidamente fundamental na sociedade brasileira de início do século XX.

Alargando as ruas das cidades, pondo abaixo os cortiços e erguendo a bandeira de luta contra as doenças que ainda dizimavam parte significativa da população (como a difteria, febre tifóide e tuberculose), fora preciso, como apresenta Jurandir Freire (1980), converter os sujeitos à nova ordem urbana. Era preciso penetrar a intimidade familiar, levando os novos ares que a transformação do espaço citadino trazia aos sujeitos nela circulantes.

1. A produção da escola da infância

A compulsão de leis e regulamentos sobre saúde pública, segundo a ótica de médicos higienistas, já não dava conta da complexa realidade que se configurava, sobretudo quando apenas davam tratamento às mazelas sociais depois de já muito deflagradas. Neste sentido, a educação higiênica da população se apresentara como um meio eficaz e econômico de conduzir a moral e temperar o caráter segundo os preceitos sanitários. Vimos, portanto, configurarem-se novas tecnologias de governo que não desejavam apenas atingir a vida da população como um todo, mas se esforçava para penetrar a subjetividade dos indivíduos. As transformações nos aspectos organizacionais do espaço urbano eram insuficientes para o atendimento das exigências do saneamento, conformar novos hábitos nos indivíduos e educá-los talvez fosse o modo mais eficaz de produção da obediência. A educação escolar contribuiria para isto.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Como disciplinar todos aqueles indivíduos, docilizando seus corpos e inscrevendo neles novos hábitos? Os médicos higienistas procuraram elevar a higiene como a ciência mais bela e útil ao homem, distinguindo-a da medicina especialmente pela capacidade da prevenção em oposição à cura. Instrumentalizando suas práticas com o uso das estatísticas, fotografias e relatórios, os higienistas procuraram gerir os processos biológicos da vida de modo cada vez mais calculado. É neste ponto, sobretudo, que podemos observar a expansão das tecnologias de governo operadas pela classe médica com vistas a controlar os riscos e promover a vida. O conjunto de saberes sobre a população que se configuram nas práticas dos médicos higienistas expressa a vontade de governar nos detalhes e de cooperar para uma suposta manutenção da ordem social,

Portanto vai ser necessário estar atento a tudo o que possa causar as doenças em geral. Vai ser então o caso, principalmente nas cidades, do ar, do arejamento, da ventilação, estando tudo isso, evidentemente, ligado à teoria dos miasmas, e vamos ter toda uma política de um novo equipamento, de um novo espaço urbano que será submetido, subordinado a princípios, a preocupações de saúde [...]. Portanto toda uma política do espaço urbano ligada a esse problema de saúde. (FOUCAULT, 2008, p. 436)

A conformação de novos hábitos se daria, deste modo, via escola, pela educação dos costumes de seus frequentadores em harmonia com as representações de modernidade forjadas pelo Estado e seus agentes. O desejo se situava no controle dos sujeitos que circulavam no espaço da cidade e não bastavam dispositivos legislativos, sobretudo se considerava necessário convencer a população dos reais benefícios da higiene. E, conforme os médicos Afrânio Peixoto e Graça Couto (1914), todos estavam convencidos de que se obteria isto facilmente por meio da educação popular. Portanto, verifica-se àquele momento um deslocamento das preocupações sobre um corpo legislativo (o que não significou, de modo algum, a supressão das leis e regulamentos sobre a saúde pública) para um experimento das ações voltadas para o campo da prevenção. Temos nisto, uma associação de dispositivos que convergiam tanto para a conformação de um novo espaço urbano como, de mesmo modo, de um novo sujeito. A educação escolar estava inserida neste propósito.

Um aspecto deve ser sublinhado quando tomamos como centro das preocupações deste estudo o espaço escolar: educar e instruir eram ações essencialmente distintas que, no entanto, deveriam estar subjugadas no processo de formação. A escola passou a ser compreendida,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

portanto, como espaço onde deveria ser cultivado o espírito e instruída a mente sob o tripé da formação moral, intelectual e física do indivíduo, tal como o filósofo Herbert Spencer defendia (1903). A obrigatoriedade do ensino primário, já imposta desde o império, alargava a perspectiva daqueles que acreditavam na escola enquanto meio de alcance da tão sonhada civilização, embora se tenha enfrentado a precariedade dos prédios e mesmo a improvisação dos espaços destinados à difusão das práticas de leitura, escrita e contas.

Mais que o ensino secundário, ainda considerado para as elites à época³, a ampliação do acesso às classes primárias resguardava um número significativo de frequentadores emergentes das classes populares e era neste ponto que tocava o discurso higienista do período. Por que investir em ações especialmente voltadas para a escola primária? Uma primeira razão que pode ser assinalada está inserida nos riscos que o contato direto, inevitável na escola, oferecia para a saúde de todos seus frequentadores – preocupação similar também ocorreu com hospitais e quartéis, por exemplo. Para isto, médicos higienistas planejavam e calculavam cada espaço dos prédios escolares, acreditando com isto prevenir ou amenizar os males decorrentes da aglomeração- embora todo este investimento discursivo por parte da ordem médica tenha coexistido com precárias e improvisadas construções para fins escolares. Outra razão que se apresenta a este investimento de ações nas escolas primárias foi a crença na plasticidade infantil, no seu caráter moldável e dócil. Nisto, os discursos eram contumazes como pode ser atestado pela fala do médico Belisário Pena:

Essa elevada função patriótica de salvação da raça, de dignificação da espécie, de engrandecimento da pátria, está reservada, principalmente, ao magistério das classes primárias exercido em geral por moças e senhoras as mais aptas [...] que recebe [sic] em primeira mão um cérebro virgem e maleável, onde indelevelmente se grava, as imagens, os exemplos e os ensinamentos⁴.

³ O médico Afrânio Peixoto, em seu livro “Ensinar a Ensinar”, assim descreve a situação da educação nacional àquele momento: *A escola primária educou socialmente e desenvolveu mentalmente 10 crianças capazes...Vai começar o ensino secundário. Mas os pobres não podem frequentá-lo; o liceu, o ginásio, o colégio custam caro...Os 90 pobres vão para as fábricas, para a lavoura, para a mão de obra.* (PEIXOTO, 1923, p. 170).

⁴ Este excerto foi retirado do documento intitulado “Escola Prática de Higiene”, localizado no acervo do Departamento de Documentação e Arquivo da Casa de Osvaldo Cruz, com autoria atribuída ao médico Belisário Pena. Localização: BP/PI/TI 90002040-43/ Pasta 15.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Investimentos de ordem institucional, como foi a iniciativa de Moncorvo Filho ao presidir o Primeiro Congresso de Proteção a Infância⁵, expressam bem o momento em que a infância ganha de modo expressivo contornos de questão social. Além da tutela da família, a criança deveria ser vigiada, cercada pelo olhar constante e investigativo do mestre. Na sala de aula, acreditavam os higienistas, todas as práticas cotidianas deveriam merecer a atenção do professor primário, cuidando para que aquele espaço não deformasse as pequenas vidas em botão. Para isto, como afirmava o médico José Paranhos Fontenelle, em seu *Compendio de Hygiene* (1918), ao professor era fornecido um “cabedal científico” que o prepararia para lidar com o ambiente *vicioso* da sala de aula. Neste cabedal, estavam as noções de higiene que compunham o currículo das normalistas⁶.

Inseridas no amplo projeto de higienização já experimentado pelo Brasil desde meados do século XIX, as escolas primárias estavam no centro das apostas dos médicos higienistas. Vale sublinhar, no entanto, que isto não significou, de modo claro, que todas as doutrinas pensadas pela classe médica tenham sido levadas a cabo, mas volver os olhares para este momento da história da educação brasileira se apresenta como um exercício necessário. Esta necessidade parte da possibilidade de, através destes discursos veiculados, tornar pensáveis as representações forjadas acerca da escola por determinados grupos de “fala legitimada”, dentre eles os bacharéis em medicina.

Vemos que a escola primária foi elevada como um dos principais escopos do amplo projeto de higienização idealizado por diferentes agentes, dentre eles os médicos higienistas. Vale assinalar, que a figura da mulher também compareceu neste cenário quando “seriam as principais indicadas para se incumbirem em modelar uma infância saudável, patriótica e livre de vícios” que degeneravam a raça e a sociedade brasileiras, conforme afirma Jane Almeida (2006, p. 75). Não é

⁵ Realizado no Rio de Janeiro, no ano de 1922, o Primeiro Congresso de Proteção a Infância foi idealizado pelo Departamento da Criança no Brasil. Segundo a historiadora Sonia Câmara (2006), em 1920 já existiam 17 institutos de Proteção à Infância no Brasil.

⁶ Um olhar sobre os programas de ensino da Escola Normal do Distrito Federal entre os anos de 1907 e 1924 nos permite afirmar que a disciplina de higiene, com seus conteúdos programáticos praticamente inalteráveis neste período, era dividida em duas partes: a primeira reservada a tratar de “noções gerais de higiene” e a segunda, sobre “higiene escolar”. Esta divisão também pode ser observada nos manuais de higiene destinados à formação de professores, como os de Afrânio Peixoto (Noções de Hygiene, de 1914) e de José Paranhos Fontenelle (Compendio de Hygiene, de 1918), ambos adotados na Escola Normal do Distrito Federal.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

sem propósito que o discurso de higienização desejou chegar aos frequentadores das escolas primárias e torná-los seus discípulos. Naquele contexto, onde se viram articulados dispositivos legislativos e ações sanitárias incisivas, era preciso penetrar a intimidade familiar sem, no entanto, causar o espanto e a rejeição. Tidas como porta-vozes dos preceitos da higiene, as crianças, sob a ótica dos médicos, aprenderiam as lições de bem viver no espaço escolar e, logo, exerceriam influência no ambiente familiar. Como afirmava Belisário Pena em conferência que realizou na Escola Regional de Merity, em 1925, a criança era um “elemento apreciável de propaganda no seio da família e entre as pessoas das respectivas relações”.

As primeiras décadas do século XX, portanto, oferecem um vasto conjunto de questões para a história da educação que ajuda a torna pensável a configuração do espaço escolar, sobretudo a formação que se desejava aos sujeitos nele inseridos. Especialmente os anos 1920, que conheceram a criação da Associação Brasileira de Educação, a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Higiene e a oficialização do Instituto de Hygiene, em São Paulo, carregam em suas marcas incansáveis debates acerca da articulação entre educação e saúde. Examinando as propostas destas instituições, o que se percebe é uma tentativa de discutir os problemas nacionais tomando como esteio um discurso *científico*, preocupado em marcar oposições entre o velho e o moderno. Portanto, evocados a todo o momento, o moderno, o novo e o científico alimentavam a imagem de uma civilização que parecia longe de ser alcançada.

A expansão da escolarização no Brasil e, sobretudo, a obrigatoriedade do ensino primário que ela trouxe consigo são questões que ajudaram a conformar a escola como um dos espaços privilegiados de intervenção dos discursos de modernização do país. A infância, convocada a frequentar este espaço, foi se configurando como uma categoria social para a qual deveriam se voltar um conjunto de políticas e, especialmente, o olhar de instituições interessadas em zelar por esta etapa da vida.

2. A educação escolar e a infância idealizada nos Congressos Brasileiros de Higiene.

Fundada em 1923, a Sociedade Brasileira de Higiene (SBH) se constituiu como um espaço privilegiado de discussão de políticas sanitárias no país, reunindo médicos de distintas partes do





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

país. Nas palavras de Heloísa Rocha (2003), a Sociedade Brasileira de Higiene configurou-se como “*lócus* de difusão do *modelo paulista*, gestado no âmbito do Instituto de Higiene” (p. 232). Os congressos periodicamente organizados por esta instituição, desde o ano de sua fundação, expressaram o propósito que a mantinha: a difusão das bases modernas e científicas da higiene. Nestes congressos discutiram-se ações sanitárias, desejosamente aplicáveis em todo o país, e procurou-se intervir nos distintos espaços de sociabilidade, dentre eles a escola. Desta feita, é necessário assinalar que, dentre um amplo campo de ações planejadas pelas teses defendidas nestes congressos, a escola, especialmente as classes primárias, esteve no âmbito das discussões.

Dois grandes problemas deveriam ser enfrentados e combatidos energicamente no país: a saúde e a educação do povo. O funcionamento precário dos serviços de saúde pública e o estado de “ineducação das massas” implicavam, conseqüentemente, em prejuízos econômicos e morais ao país, portanto era necessário solvê-los. Embora estas questões tivessem sido erguidas no âmbito dos debates médicos e educacionais, o trabalho efetivo viria com a tentativa de convencimento da população acerca dos benefícios anunciados pelas medidas sanitárias. A emblemática Revolta da Vacina, que agitou a então capital do país, Rio de Janeiro, em 1904, fez alertar para a necessidade de investir na educação higiênica da população. Impunha-se como indispensável a promoção da consciência sanitária do povo brasileiro. Seria indispensável incorporar à educação escolar os ensinamentos da higiene. Nas palavras de Lausane Pycosz,

A saúde na perspectiva educativa formava, então, uma das bases do tripé que cumpriria o papel de solucionar os problemas da nação, juntamente com a educação e a moral. Isso explica o maior investimento que os departamentos de saúde pública dos estados receberam para suas ações, tendo em vista que esse período no Brasil foi de intensa reordenação das cidades. O problema de saúde pública era considerado de maior gravidade no meio urbano, devido ao acentuado crescimento populacional ocorrido a partir dos anos 1920 no Brasil. (PYCOSZ, 2007, p. 30)

A educação higiênica concebida no âmbito da escola, especialmente das classes primárias, foi posta como meio fundamental para o alcance da prosperidade individual, da família, da sociedade e da espécie. Vê-se, portanto, que o discurso higiênico, para além de uma preocupação com o combate às degenerações daquele presente, projetava-se para o futuro. Por via desta retórica, fundou-se a ideia de que se desde a escola primária todos os esforços não se





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

conjugassem para o cultivo da saúde individual e coletiva, nenhum *povo* poderia ser *válido, forte e sadio* (Cf. Fontenelle, 1925, p. 618). Todo o esforço outrora empreendido de levar à escola primária a educação higiênica se fundamentava na crença de que quanto mais cedo fossem formados os hábitos higiênicos, menos incidentes seriam os prejuízos econômicos, sociais e morais à nação do futuro.

A educação escolar foi objeto de afeição dos discursos de diferentes representantes médicos nos Congressos Brasileiros de Higiene. Em 1923, quando se realizava o primeiro deles na cidade do Rio de Janeiro, sob a presidência do médico Carlos Chagas, reforçando a presença do debate em torno da escola e da infância, dentre os eixos temáticos elencados estavam a *alimentação do escolar e do pré-escolar e organização da higiene infantil na cidade e no campo*. A tese apresentada pelo Dr. Filogonio Lisboa, neste mesmo congresso, intitulada *Organização do Serviço de enfermeiras no Maranhão*, já destacava o lugar da “escola da infância” no debate travado sobre a organização higiênica. Segundo este médico, a escola primária deveria ser aquela que com mais intensidade seriam destinadas as medidas profiláticas, a fim de inibir “o intercâmbio de doenças e maus hábitos adquiridos nos lares”. Vemos, dessa maneira, duas das justificativas que reforçaram a necessidade de intervir no ambiente escolar: o contágio facilitado das doenças – como já afirmado, pela aglomeração que este espaço favorecia – e a (re)educação higiênica das crianças, dado que se acreditava que o lar (possivelmente, neste discurso, fazia-se referência a um lar desfavorecido economicamente) não ofereceria condições adequadas de higiene às crianças.

Por meio de um ensino prático, baseado nos exemplos, as lições de higiene deveriam servir para inculcar nas crianças o valor inestimável da saúde e sua ideia como o maior patrimônio a ser zelado durante a vida. Pelo exemplo e a repetição contínua de ações, acreditava-se que os preceitos da higiene passariam do consciente para o inconsciente, transformando-se, assim, em um sistema de hábitos. Nas palavras de abertura do II Congresso Brasileiros de Higiene, Dr. Manoel Ferreira afirma ser a higiene e a instrução as “irmãs borralheiras a quem incumbe pesado trabalho”.

As teses apresentadas nos congressos de higiene, geralmente fundamentadas em estudos realizados pelos próprios depoentes ou nos dados levantados pelo exercício da profissão – em centros de saúde, por exemplo –, dão mostras do que era implementado em diferentes estados do





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

país com relação à saúde e educação higiênica da população. Na tese apresentada pelo Dr. Samuel Libanio – professor da Faculdade de Medicina e diretor de Higiene no estado de Minas Gerais –, no segundo congresso de higiene, intitulada *Serviço permanente de hygiene municipal*, são apresentados dados estatísticos acerca do estado da educação higiênica e sua propaganda. Embora os dados sejam restritos ao estado de Minas Gerais, é possível observar como a propaganda higiênica foi adentrando o espaço escolar. Na imagem abaixo, pode-se observar o quantitativo de escolas visitadas e das palestras escolares realizadas entre o período de 1922 e 1924 no estado de Minas:

92 ANNAES DO SEGUNDO CONGRESSO

Educação e propaganda	1922	1923	1924	Total
Conferencias publicas	—	12	27	39
Artigos de propaganda	—	17	23	40
Impressos distribuidos	—	24.547	35.914	60.461
Palestras particulares (medico-horas)	—	32	137	169
Palestras particulares (fiscal-horas)	—	113	375	488
<i>Saneamento:</i>				
Casas cadastradas	242	1.090	1.647	2.979
Casas inspecionadas	242	2.017	3.145	5.404
Latrinas inspecionadas	—	908	1.093	2.001
Latrinas inspecionadas	—	13	46	59
Latrinas inspecionadas	—	77	176	253
Ligação de exgotos	—	77	150	227
Abastecimentos d'agua melhorados	—	72	141	213
Fossas liquefactoras construidas	—	—	11	11
Fossas absorventes	—	—	31	31
<i>Dispensarios:</i>				
Frequencia	1.970	10.392	14.305	26.667
Tratamento de verminoses	1.231	7.348	7.010	15.589
Em domicilio	—	349	5.349	5.698
No dispensario	1.231	6.999	1.651	9.891
Tratamento de doencas venereas	—	1.250	5.174	6.424
<i>Escolas:</i>				
Escolas visitadas	—	8	6	14
Palestras escolares	—	26	52	78
<i>Laboratorio:</i>				
Total de exames	1.028	6.785	4.004	11.817
Vaccinação contra a variola	889	100	400	1.389
Vaccinação contra a febre typhoide	—	—	1.117	1.117
Vaccinação contra a meningite epidemica	—	—	348	348

Fonte: Annaes do Segundo Congresso Brasileiro de Higiene, 1928.

Não foi possível identificar que região específica os dados apresentados se referem, porém podemos aferir que, embora as visitas não tenham alcançado número significativo de escolas –





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

inclusive, regredindo o número em 1924 –, o investimento em palestras teve aumento entre 1923 e 1924 e expressam um número relativamente significativo. A realização de palestras, associada ao uso das cartilhas e abecedários de higiene no cotidiano das salas de aula das escolas primárias, auxiliavam no processo de inculcação das lições endereçadas aos pequenos escolares, postas como úteis à manutenção da saúde. As palestras se expressaram como mais uma das maneiras encontradas pelos médicos-higienistas de alcançar o espaço escolar, erguendo a bandeira da saúde. Indicando os sintomas das doenças propensas ao ambiente escolar e salientando as formas de prevenção – aspecto fundamental da campanha higiênica –, as palestras se constituíram como mecanismos que facilitadoras da educação supostamente já difundida na escola. A modulação da linguagem, para que fosse entendida pelos pequeninos, e o próprio uso de imagens auxiliaria no sentido de fixar os preceitos da higiene e a necessidade prioritária da prevenção, ao invés da cura.

Ao lado da propaganda popular, mobilizada através das campanhas sanitárias, a educação higiênica escolar alcançou capital importância no projeto de *salvação* da raça brasileira. No III Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em 1926, Dr. Humberto Pascale, em tese intitulada *A acção do posto de hygiene em educação sanitária*, reforça o lugar especial que ocupava a escola na campanha higiênica:

Mais do que qualquer outro a escola deve merecer a primazia. Esta é uma noção que, embora muito debatida em nossos dias, nunca deverá ser tida como sedição. É na escola que se inicia uma das phases da formação do homem. E é phase mais delicada, porque realiza uma antecipação. Da educação intelectual da criança, depende em grande parte o êxito do homem acabado. E como a “escola se mede pelas suas relações post-escolares”, percebe-se bem quão grande a responsabilidade que fere a consecução dos seus desígnios. (PASCALE, 1926, p. 430)

Ao destacar o lugar da escola, possivelmente primária, com relação à difusão de hábitos saudáveis, o médico Humberto Pascale assinala sobre a importância dos cuidados com a criança, pois dela acreditava-se promanar uma mocidade vigorosa. “Phase delicada” para a qual deveria ser despendida toda a atenção, uma infância higienicamente “bem sucedida” resultaria no bom êxito do homem acabado. A escola, segunda instituição social após a convivência familiar, deveria garantir a extensão da proteção aos pequenos e assegurar aos mesmos um saudável desenvolvimento físico, moral e intelectual. Sob a guarda e disciplina das professoras primárias, a futura nação era moldada pelas





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

virtudes higiênicas que, segundo a crença médica, eram indelevelmente gravadas nos pequenos cérebros. Supostamente dócil e maleável, a infância deveria ser conduzida higienicamente de maneira que a criança pudesse determinar-se a agir sempre sob o impulso de motivos que visassem à garantia e promoção da saúde, como, por mais uma vez, assinala o Dr. Pascale:

Docil e maleável, via de regra, porque nella a vontade “synthese lentamente formada”, ainda não se completou e se dirigiu é facilmente acessível. Por isso mesmo sobre ella devem repousar os auspícios da educação sanitaria. [...] E assim preparada, quando ella se sentir na imminencia de praticar um mau acto de hygiene, ouvirá fatalmente uma voz interior que, advertindo-a, lhe segredará que aquelle não deve, em absoluto, ser praticado. E ella obedecerá. (PASCALE, 1926, p. 432)

A “voz interior” assinalada pelo Dr. Humberto Pascale, possivelmente, referia-se aos preceitos higiênicos já inculcados pela força do hábito. Para que o corpo de preceitos fosse obedecido, já que tornado hábito, era necessário que no cotidiano escolar a vigilância fosse constante. A inspeção periódica dos alunos, registrada nas fichas sanitárias, complementava a tarefa higiênica no âmbito escolar e se constituía como um dispositivo disciplinar. O médico Mário Pernambuco, em tese apresentada no terceiro congresso brasileiro de higiene, intitulada *Ação do posto de hygiene municipal em hygiene escolar*, apresenta um modelo de ficha que deveria ser utilizado pelo Posto de Hygiene, em São Paulo.

Serviço Sanitário do Est. de S. Paulo - Inspectoria de Hygiene dos Municipios

HYGIENE ESCOLAR

1 - Posto de Hygiene do Municipio de _____

2 - Nome _____ 4 - Data nascimento _____

3 - Residência _____ 5 - Escola _____

6 - Antecedentes (vacinas): ☐ VARICELLA ☐ SARAMPO ☐ ESCARLATINA ☐ TUBERCULOSE ☐ DIFTERIA ☐ FASCIOLE

7 - Antecedentes (doenças): _____

8 - Antecedentes (traumas): _____

	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	
9 - Data ingresso																							
10 - Idade																							
11 - Sexo																							
12 - Temperamento																							
13 - Alimentação																							
14 - Vestimenta																							
15 - Peso																							
16 - Altura																							
17 - Nutrição																							
18 - Ações gerais																							
19 - Cabelos																							
20 - Pele																							
21 - Dentes																							
22 - Sota. oral. est.																							
23 - Romatismo																							
24 - Arteriosclerose																							
25 - Anemia																							
26 - Gargalhos																							
27 - Pseudo																							
28 - Otitis - mol. ext.																							
29 - Voz																							
30 - O.R.																							
31 - O.D.																							
32 - O.R. - mol. ext.																							
33 - R.																							
34 - D.																							
35 - Cabel. mant.																							
36 - Cabel. e. oral																							
37 - Pele																							
38 - Sistema nervoso																							
39 - Tuberculose																							
40 - Bacilario																							
41 - Inf. orthopneum.																							
42 - Mal. inf. cont.																							
43 - Varicela																							
44 - Hemoglobina																							
45 - Outras doenças																							

Fonte: Annaes do Terceiro Congresso Brasileiro de Higiene, 1929.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Como pode ser observado na ficha acima, estavam dentre os interesses dos médicos-higienistas as questões de frequência, aproveitamento escolar, condições dos dentes, nariz, cabelos e pele. Na ficha também é assinalada a questão dos antecedentes de doença pessoais e familiares, dados que seriam imprescindíveis para detectar as possibilidades de manifestação de determinadas doenças e afastá-las. As fichas sanitárias cumpriam a função de registrar dados cuidadosamente levantados a partir dos exames físicos realizados nas crianças e que investigavam os mais diversos aspectos, desde a aparência física geral até o funcionamento interno dos órgãos.

No V Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em 1929, em Recife, as palavras do Dr. Abreu Fialho, em tese intitulada *Organização hygienica do ensino. Hygiene do trabalho mental. Hygiene das férias*, reservam, por mais uma vez, o lugar da escola primária no projeto de higienização da população. Nas suas palavras fica marcada a importância do ensino prático e do exemplo para os pequenos:

Poderia parecer extranhavel, á primeira vista, esta concepção,mas, deve-se pleitear que a divulgação da hygiene e da prophylaxia physica, tão diretamente ligadas á prophylaxia e hygiene mentaes, seja realizada cedo, nos primeiros dias de contacto com o mundo social, nas escolas primarias, e principalmente com a demonstração pratica, com o exemplo. Ademais, o ensino não pode ser feito, qualquer que seja esse, sinão segundo os preceitos biológicos. E os professores deverão ser homens versados na instrucção biológica. (ABREU FIALHO, p. 58)

A percepção da vida em sua dimensão essencialmente biológica atravessava os muros da escola, requisitando dos professores primários um olhar mais investigativo, atentos às questões físicas, intelectuais e morais dos pequenos escolares. Instrução e educação guardavam significações distintas, no entanto deveriam ser indissociáveis. Para além de instruir pelos domínios técnicos da escrita e da leitura, a escola deveria completar a formação com a educação física, cívica e moral da população, comprometendo-se, assim, com o desenvolvimento integral do indivíduo. Elevado o compromisso da escola com a formação integral (física, moral e cívica), o ensino da higiene foi fundado como uma necessidade dentre um conjunto de saberes eleitos essenciais à formação da população brasileira. Acreditava-se que pela higiene poderiam ser alcançados benefícios que a medicina ainda não proporcionara.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

“E os professores deverão ser homens versados na instrução biológica”, afirmava o médico Abreu Fialho, reforçando a ideia de que as características biológicas dos pequenos deveria ser escopo da atenção dos professores. Embora estivessem bem delimitados os papéis do médico e do professor, da medicina e da pedagogia, a ideia parecia ser a de estimular uma cooperação entre estas duas profissões. Educação e saúde entrecruzavam-se, projetando para o futuro da nação uma mocidade economicamente produtiva e desejavelmente vigorosa. Os congressos brasileiros de higiene, reunindo médicos, foi um espaço de socialização de ideias e de proliferação de discursos que intentaram incluir a escola primária no projeto de formação da consciência sanitária. Neste sentido, investigar a infância, esta etapa do desenvolvimento humano supostamente “maleável e dócil”, investindo em sua “plasticidade” fora visto como uma maneira de alcançar as famílias, regenerar a população e garantir um futuro de prosperidade. Vale-nos refletir sobre aquele *futuro*.

Referências e fontes:

ALMEIDA, Jane. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: UNESP- Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Introdução, p. 13-28.

COUTO, Graça; PEIXOTO, Afrânio. **Noções de Higiene**: Livro de leitura para as escolas. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud, Alves & Cia, 1914.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FERREIRA, Manoel. Sessão de Encerramento: discurso do dr. Manoel Ferreira. In: **Annaes do Segundo Congresso Brasileiro de Higiene**. Vol. I. Rio de Janeiro: Livraria, Papelaria e Litho-Typographia Pimenta de Mello & Cia, 1928.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FIALHO, Abreu. Organização hygienica do Ensino. Higiene do trabalho mental. Higiene das férias. In: **Annaes do Quinto Congresso Brasileiro de Higiene**. Rio de Janeiro: Officinas Graphics da Inspectoria de Demographia Sanitaria, 1930.

FONTENELLE, José Paranhos. **Compendio de Higiene**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.

LIBANIO, Samuel. Serviço permanente de hygiene municipal. In: **Annaes do Segundo Congresso Brasileiro de Higiene**. Vol. I. Rio de Janeiro: Livraria, Papelaria e Litho-Typographia Pimenta de Mello & Cia, 1928.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

LISBOA, Filogonio. Organização do Serviço de enfermeiras no Maranhão. In: **Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Hygiene**. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Inspectoria de Demographia Sanitaria, 1924.

PASCALE, Humberto. A acção do posto de hygiene em educação sanitária. In: **Annaes do Terceiro Congresso Brasileiro de Hygiene**. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Inspectoria de Demographia Sanitaria, 1929.

PEIXOTO, Afrânio. **Ensinar a Ensinar**: ensaios de pedagogia aplicados à educação nacional. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.

PYCOSZ, Lausane Corrêa. **A higiene nos grupos escolares curitibanos: fragmentos da história de uma disciplina escolar (1917-1932)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

RANGEL, Sonia de Oliveira C. **Sementeira do amanhã**: o Primeiro Congresso de Proteção à Infância e sua perspectiva educativa e regeneradora da criança pobre. In: VI Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. São Paulo: FAPESP, 2003.

SPENCER, Herbert. **Da educação moral, intellectual e physica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1903.

